

Radicalización y alejamiento entre representantes y representados en las redes sociales digitales: un estudio sobre el caso de la muerte de Fidel Castro

Radicalization and distancing between representatives and represented in digital social networks: a study on the case of the death of Fidel Castro

Radicalização e distanciamento entre representantes e representados em redes sociais digitais: um estudo sobre o caso da morte de Fidel Castro

Emerson Cervi¹, Fernanda Cavassana², Michele Massuchin³

¹ Emerson Urizzi-Cervi (Brasil). Profesor asociado del Departamento de Ciencia Política y profesor permanente del Programa de Posgrado en Ciencia Política y del Programa de Posgrado en Comunicación en la Universidad Federal del Paraná (UFPR). Es doctor en Ciencia Política por el Instituto Universitario de Investigaciones del Rio de Janeiro (Iuperj/2006), con periodo posdoctoral en partidos e elecciones por la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales-España (Flacso-es) y Universidad Salamanca, con beca de Capes/BR. Coordina el grupo de investigación en comunicación política y opinión pública – Cpop (www.cpop.ufpr.br), con investigaciones en debate e opinión pública, elecciones, partidos políticos, comunicación electoral, financiación de campañas y metodologías de investigación. Es editor jefe de la Revista Compolítica, revista científica brasileña especializada en Comunicación y Política. Fue coordinador del Programa de Posgrado en Ciencia Política en la UFPR (2012-2014) e coordinador del grupo de trabajo en Financiación Política de la Asociación Nacional de Programas de Posgrados en Ciencias Sociales-Anpocs (2013-2014). E-mail: ecervi7@gmail.com ORCID 00000001 8073 014X Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9196373186050152>

² Fernanda Cavassana-Carvalho (Brasil). Universidad Federal del Paraná. Estudiante de Doctorado del Programa de Posgrado en Ciencia Política con maestría en Comunicación por la Universidad Federal del Paraná (UFPR). Es miembro del grupo de investigación en comunicación política y opinión pública – CPOP (www.cpop.ufpr.br). Fue profesora de Comunicación en la Universidad Tecnológica Federal del Paraná (2016-2017). Tiene interés en investigaciones acerca de internet y política; conversaciones on-line; manifestaciones digitales; redes sociales; periodismo político; media y elecciones. E-mail: cavassanaf@gmail.com ORCID 0000-0003-1668-3160 Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3407738332416687>

³ Michele Goulart-Massuchin (Brasil). Universidad Federal del Maranhão. Profesora titular del Curso de Periodismo de la Universidad Federal do Maranhão (UFMA). Doctorado en Ciencia Política por la Universidad Federal de São Carlos (UFSCar). Fue investigadora visitante en la Universidad de Valladolid (Uva - España) entre 2014-2015. Master en Ciencia Política por la Universidad Federal do Paraná (UFPR). Actualmente es investigadora del grupo de investigación en Comunicación Política y Opinión Pública (CPOP/UFPR) y coordina el grupo de investigación en Comunicación, Política y Sociedad (COPS/UFMA). También es una de las editoras de la Revista Compolítica, en Brasil, y miembro del Consejo Editorial de la Editora EdUFMA. Tiene interés en los siguientes temas de investigación: campañas electorales, metodología de investigación, cobertura electoral, periodismo político, Horario Gratuito Político Electoral (HGPE) y política e internet. E-mail: mimassuchin@gmail.com ORCID ID: 0000-0001-7918-4487 Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2274642614968177>

Recibido: 17 de febrero de 2019
Aceptado: 21 de abril de 2019
Publicado: 7 de junio de 2019

Razón
y Palabra

Primera revista digital
en Iberoamérica
especializada en Comunicología



Pontificia Universidad
Católica del Ecuador



Resumen

Este artículo analiza cómo las redes sociales digitales, identificadas como espacio de aproximación entre representantes y representados, también pueden servir para alejarlos. En su mayoría, los seguidores de líderes políticos tienden a estar de acuerdo con sus posiciones políticas, pero cuando esto no ocurre, hay ejemplos de radicalización y distanciamiento. La radicalización no se desarrolla sólo contra los demás comentaristas, sino contra los propios líderes políticos, dadas las discordancias político-ideológicas y los posicionamientos “inesperados” por los seguidores. A partir de la literatura sobre representación, de la posibilidad de alejamiento entre líderes y liderados y de la radicalización en discusiones polémicas, se hace un recorte para identificar cómo esto puede ocurrir en la práctica cotidiana. De esta manera, con ayuda del Iramuteq, se hace un análisis de contenido de *posts* y comentarios hechos en cuentas institucionales en Facebook sobre la muerte de Fidel Castro, teniendo este escenario como un estudio de caso para percibir cómo el fenómeno del alejamiento también puede ser identificado en las redes sociales. El caso, por medio del análisis, ejemplifica cómo las redes sociales pueden también servir para alejar representantes y representados cuando el contenido de la conversación trasciende la “burbuja” ideológica.

Palabras clave

Redes sociales, representación política, radicalización del debate, burbuja ideológica. Facebook, Fidel Castro.

Abstract

This article examines how digital social networks, used to bring together representatives and represented, can also leave them distant. The most part of followers of political leaders tend to agree with their political stances, but when that does not happen, there are examples of radicalization. Not necessarily against other commentators, but against political leaders, because there are political-ideological disagreements and the “unexpected” positions. Based on the literature about omnilogue debate and the possibility of detachment between leaders and not leaders in the network, an analysis is made to identify how this occurs in everyday practice. We use the Iramuteq to help with a content analysis of the *posts* and comments made in seven

institutional accounts on Facebook about death of Fidel Castro. The case is an example of how social networks can also to serve to move away representatives and represented when the content of conversation transcends the ideological “bubble”.

Keywords

Social networks, political representation, radicalization of the debate, ideological bubble, Facebook, Fidel Castro.

Resumo

Este artigo analisa como as redes sociais digitais, identificadas como espaço de aproximação entre representantes e representados, podem também afastá-los. Dado que, majoritariamente, os seguidores de líderes políticos tendem a concordar com seus posicionamentos políticos, quando isso deixa de acontecer, têm-se exemplos de radicalização e distanciamento. A radicalização não se dá apenas contra os demais comentadores, mas contra as próprias lideranças políticas, dadas as discordâncias político-ideológicas e os posicionamentos “inesperados” pelos seguidores. Partindo-se da literatura sobre representação, da possibilidade de afastamento entre líderes e liderados e da radicalização em discussões polêmicas, faz-se um recorte para identificar como isso pode ocorrer na prática cotidiana. Assim, com auxílio do Iramuteq, faz-se uma análise de conteúdo de *posts* e comentários feitos em contas institucionais no Facebook sobre a morte de Fidel Castro, tendo este cenário como um estudo de caso para perceber como o fenômeno do afastamento também pode ser identificado nas redes sociais. O caso, portanto, por meio da análise, exemplifica como as redes sociais podem também servir para afastar representantes e representados quando o conteúdo da conversação transcende a “bolha” ideológica.

Palavras-Chave

Redes sociais, representação política, radicalização do debate, bolha ideológica, Facebook, Fidel Castro.

1. Introdução

Este artigo discute como as redes sociais digitais podem afastar representantes e representados quando os conteúdos *postados* nas páginas oficiais não vão ao encontro das expectativas político-ideológicas destes últimos. Embora, majoritariamente, os estudos identifiquem as relações de proximidade que as redes sociais e a internet podem ofertar, há também experiências que podem evidenciar comportamentos diferentes. Assim, o objetivo do trabalho é mostrar características da tensão na comunicação entre os cidadãos e lideranças políticas, que se dá em determinadas situações que levam à discordância entre eles nas redes sociais digitais. A discussão do artigo se dá a partir de um caso específico, mas que pode se estender a outros exemplos, pois há momentos em que as manifestações dos atores políticos se dão como representantes de Estado e não como líderes de uma parte específica da sociedade ou de determinada ideologia. Assim, a hipótese apresentada é de que, nesses casos, há a possibilidade dos seguidores utilizarem as redes sociais digitais para se voltarem contra os seus representantes, não reconhecendo os limites institucionais das publicações, o que exemplificaria um caso de afastamento entre representantes e representados, que pode ser visibilizado a partir da análise do conteúdo das *postagens* e comentários nas redes sociais.

Consideramos que este fenômeno ocorre justamente porque as redes digitais criam “bolhas” de manifestações e facilitam o encontro de indivíduos com ideias afins (Sunstein, 2003), aproximando neste sentido, representantes que pregam seus ideais de mundo a representados já convertidos (Norris, 2001), quando se pensa na perspectiva exclusivamente política, seja em período eleitoral ou não. No entanto, em algumas ocasiões, os representantes expressam-se de forma institucional e suas publicações, mais oficiais e pragmáticas, acabam distanciando-se das opiniões e posicionamentos ideológicos de seus seguidores. Isso leva à sensação de que a “bolha” ideológica se rompe, fazendo com que as redes deixem de cumprir uma de suas finalidades mais comuns e acabem abrindo espaço para um processo de discordância. Quando a discordância nas manifestações é conduzida por comentários carregados de termos depreciativos, esse afastamento pode, inclusive, levar à radicalização do debate digital. São esses os aspectos discutidos na seção teórica do artigo.

De forma empírica, trabalha-se com o recorte de um caso específico: os *posts* de políticos brasileiros em suas páginas oficiais no Facebook sobre a morte de Fidel Castro e os comentários de seus seguidores a essas mensagens. O caso da morte do ex-presidente cubano é um exemplo de como a comunicação entre os representantes e seus representados políticos podem se distanciar nos ambientes digitais. Trata-se de um tema de Estado que, como tal, gerou diferentes manifestações de líderes políticos em todo o Mundo. No Brasil, a maior parte dos ex-presidentes e ex-candidatos à Presidência do país homenageou Castro, apresentando condolências formais em publicações na rede Facebook. Trata-se de uma formalidade esperada por aqueles que ocupam ou ocuparam relevantes cargos públicos e de liderança.

No entanto, as reações dos seguidores das páginas desses líderes foram distintas. A partir do que se analisa neste trabalho, elas podem ser reunidas em pelo menos três grandes grupos. Manifestações de aprovação da *postagem*, quando os seguidores acompanharam o político, em concordância com a sua manifestação institucional; manifestações contrárias ao *post*, quando os seguidores rejeitaram a manifestação do representante na rede digital; e, por fim, manifestações neutras, que em seu conjunto não se mostraram nem mais próximas nem mais distantes do posicionamento do líder político. Portanto, empiricamente, também se trabalha com os comentários do público aos *posts* selecionados. A metodologia utilizada neste artigo é a análise léxica, a qual possibilita uma análise do conteúdo dos *posts* e dos comentários, a partir de abordagens quantitativas.

A partir daqui, o artigo se apresenta em outras cinco seções. A discussão teórica está dividida em dois tópicos, sendo que o primeiro aborda as características on-line de relacionamento, aproximação e comunicação entre representados e representantes, especialmente por meio de redes sociais como o Facebook. Já o segundo discorre sobre o fenômeno da radicalização e como ela tem sido observada nas conversações digitais, distanciando-se dos modelos normativos acerca do debate público. Em seguida, uma seção explicita os procedimentos metodológicos e outra é dedicada à análise empírica. Por último, tecem-se as conclusões do artigo, ressaltando os principais achados sobre como o público, via comentários, não demonstrou reconhecer os limites institucionais das publicações de seus representantes políticos no caso da morte de Fidel Castro e se afastou deles,

tendendo, ainda, à radicalização no debate por meio do uso recorrente de termos depreciativos.

2. Conversação e interação entre representantes e representados nas redes sociais on-line

Todas as discussões públicas entre iguais acontecem segundo o ponto de vista dos cidadãos em um espaço de cultura da sociedade civil: a esfera pública. “A esfera pública pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões; nela os fluxos comunicacionais são filtrados e sintetizados, a ponto de se condensarem em opiniões públicas enfeixadas em temas específicos”. (Habermas, 1997, p. 92). É nela que os cidadãos apresentam suas posições originais e verificam se elas estão adequadamente apresentadas, se devem ou não ser mantidas. Considerando a expectativa de que as tecnologias da comunicação suprimiriam a distância entre cidadãos e a esfera política, muitos viram na Internet a possibilidade de uma ampliação da esfera pública, como um novo espaço que ressoasse a demanda social aos seus representantes. (Schäfer, 2015). Isso se daria, por exemplo, pelo contato mais próximo que o público tem com seus representantes e por potencialidades das interações on-line, com a horizontalidade e dualidade de seus fluxos comunicativos. Coleman (2005) defendeu que a comunicação mais direta e transparente dos cidadãos com os atores políticos nos ambiente on-line poderia viabilizar alterações nas relações de representação democrática. Por outro lado, Kalsnes et al. (2017) destacaram que a interação direta dos cidadãos comuns com seus representantes levou ambientes como o Facebook a se tornarem espaços de envolvimento da população em geral com a política.

Diferentes vertentes têm investigado a esfera pública na Internet, tendo cada qual um processo comunicativo como ideal, seja o consenso na perspectiva deliberativa, seja a representatividade na perspectiva liberal. (Schäfer, 2015). Independentemente da base teórica, os estudos empíricos voltados para o âmbito digital da esfera pública já têm ressaltado alguns achados sobre as conversações on-line que as distanciam daquilo que se esperava normativamente. Além da expansão de espaços comunicativos, registra-se, por exemplo, uma amplitude ideológica, já que os cidadãos acabam tendo acesso a pontos de vistas alternativos sobre temas políticos atuais. Além disso, verifica-se que as conversações em âmbito digital tendem a

se caracterizar mais agonísticas do que respeitadas, condizendo mais com uma perspectiva construtivista do que a participativa e deliberativa, orientada para o consenso. (Schäfer, 2015). Se por um lado isso se efetiva pelas características próprias aos ambientes digitais, por outro, não se pode negar que os critérios de deliberação são raros e exigentes (Maia et al., 2015), o que dificulta sua aplicação na realidade.

Pertinente aos pressupostos deliberativos, por exemplo, ressalta-se que o debate público é considerado um diálogo intersubjetivo, porque compreende que é a partir do discurso dos participantes e na troca de ideias é que se busca um entendimento. (Habermas, 1997). O caráter dialógico, nesta abordagem, pressupõe o uso racional de argumentos e a contraposição de diferentes pontos de vistas para que se alcance o consenso de modo intersubjetivo. Ou seja, por meio de uma *troca* de ideias, com base na argumentação e na reciprocidade. Em seu *oposto*, um debate poderia assumir um caráter monológico quando passasse a buscar a verdade subjetiva. Neste caso, passaria a existir apenas um ponto de vista a embasar a discussão, com razões e princípios unilaterais, fazendo com que opiniões e argumentos divergentes acabassem ignorados e não fossem alteradas as convicções iniciais. (Habermas, 1997). Se isso foi apreendido no início da constituição da esfera pública e depois esperado em espaços sociais institucionalizados nas democracias representativas, como a mídia e o parlamento, tais pressupostos teóricos parecem mais distantes da realidade quando se observam as conversações em redes sociais on-line na contemporaneidade. Isso porque, entre outras coisas, as redes sociais digitais apresentam características que limitam as interações, especificamente ao que diz respeito a temas e interesses, conduzindo a uma atenção seletiva e restrita.

Como contraponto à visão de Habermas (1997), para Rawls (1995, p. 141), “os debates dos cidadãos podem, mas não precisam, ser razoáveis e deliberativos e são protegidos, pelo menos em regimes democráticos dignos, por uma eficaz lei de liberdade de expressão”. Assim, para o autor, importa mais a igualdade de participação, garantindo plenitude no debate do que sua forma comunicativa, o que poderia levar o debate público liberal a não se caracterizar como diálogo, nem monólogo, mas sim como um omnólogo. Segundo Scroll (1999), nesta perspectiva de omnilogia, para além do debate entre os cidadãos, tornam-se importantes outras instâncias e formas de conversação se

tornam relevantes, como as interações entre instituições e sociedade, entre representantes e representados.

Por isso, instituições representativas têm explorado a Internet para viabilizar uma comunicação mais direta e menos institucionalizada com os cidadãos. (Barros, 2016; Braga et al., 2015). Os partidos políticos, por exemplo, podem utilizar esses mecanismos interativos para incentivar a participação dos cidadãos e construir uma sintonia mais coerentes com eles. (Blanchard, 2006, p. 16). Assim, para além das instituições – no Brasil, 87,5% dos partidos exploram alguma mídia on-line interativa (Barros, 2016) – o uso dessas plataformas se torna relevante, principalmente, ao considerarmos lideranças políticas, como aqueles políticos que concorrem, em sistemas presidencialistas, ao cargo de chefe do governo e chefe de Estado de uma nação – como o caso dos políticos considerados neste estudo. O estudo de Braga et al. (2015), por exemplo, mostra que o uso de mídias sociais tem crescido como canal de comunicação entre os cidadãos e seus representantes políticos. Comparando dados de parlamentares de diferentes nações, o estudo identifica diferenças do uso da comunicação on-line, sendo que a Internet tem sido mais utilizada como forma de comunicação direta e informal com os cidadãos em países cuja representação política é mais personalista e centrada no candidato. (Braga et al., 2015).

A constituição inicial dos sites de relacionamento como uma expansão das esferas privadas dos cidadãos não deve ser ignorada. Mais próximos de seus representantes no ambiente digital, os cidadãos acabam desconsiderando os limites que separam o papel institucional e o individual ideológico dos atores políticos. Os representantes passam, então, a lidar com interações, em grandes volumes, sem intermediações, uma vez que todos os que ali participam se colocam como iguais ao político e se dirigem diretamente a ele. Aqui, cabe considerar a introdução da esfera política institucional – bem como de seus atores por meio de páginas oficiais – em um espaço predominante social.

Considerando que o contato do público com os atores políticos em ambientes on-line leva a uma relação de representação mais personalista e menos institucionalizada, o que se pretende analisar aqui é como as redes sociais digitais contribuem para o afastamento entre representados e seus representantes, o que já se aponta como crescente na literatura. (Lattman-Weltman, 2014). Procura-se mostrar como essa distância pode ser notada nas manifestações dos indivíduos

especialmente em situações em que as lideranças políticas se comportam de forma institucionalizada, como representantes do Estado, e não sob aspectos políticos e ideológicos. A seguir, passamos a abordar aspectos vinculados ao comportamento e ao conteúdo manifestado pelo comentador nessas interações, que podem levar à radicalização, especialmente em contextos de polarização como o estudado aqui.

3. A radicalização nas discussões políticas on-line

Como a internet se coloca como um espaço em que circula a opinião de indivíduos não especializados em política, reunindo um grupo que nem sempre resulta em uma comunidade homogênea (Boutyline; Willer, 2015), o resultado das conversações on-line pode não se assemelhar com os pressupostos habermasianos de uma relação dialógica, progressiva, baseada na troca de ideias e na civilidade, como introduzimos no tópico anterior. (Dahlgren, 2005; Habermas, 1997). Para além disso, a falta de um consenso como objetivo pode levar essas conversações à polarização, à incivilidade e até mesmo à radicalização nas interações. Pode-se definir radicalização como a manifestação de visões críticas extremistas e que podem até incitar a violência contra alguém. (Archetti, 2015). A radicalização também pode representar a manifestação firme, sem ponderações, de um posicionamento extremo. (Sustein, 2017).

Embora estudos como de Strademberg e Berg (2013) e Bragatto, Sampaio, Nicolas (2015) mostrem exemplos em que se tem um processo dialógico e com baixo grau de radicalização na rede, nota-se que ambos os casos tratam de contextos mais unificados e espaços que não tencionam a “bolha ideológica”. Como já foi apontado no início, a discussão gerada pela morte de Fidel Castro representa um tema bastante polêmico – na perspectiva de Amossy (2011) – e de uma observação mais específica, que diz respeito à relação entre representantes e representados, o que tende a destoar dos achados supracitados, que consideram a relação entre comentadores e temas menos tensionados na sociedade.

A discussão feita por Ruiz et al. (2010) já demonstra um pouco essa tensão entre líderes e liderados e há um índice de insultos graves que, segundo os autores, chegaria a 25% no *Lavanguardia*. Ademais, a pesquisa notou que estas desqualificações são voltadas para

instituições e poderes do Estado, da mesma forma que para partidos políticos. Ruiz et al. (2010) também chamam a atenção para outro fenômeno que vai ser abordado na sequência a partir das discussões de Brugnago e Chaia (2015) e Lattman-Weltman (2015): a polarização. Ruiz et al. (2010) argumentam que a polarização é um ponto negativo das conversações porque não há espaço para o pluralismo e aumentam as chances de radicalização dos comentários. Sunstein (2018) indica que as pessoas tendem a ter visões moderadas sobre os assuntos que não dominam até o momento em que encontram outras pessoas que compartilham dos mesmos posicionamentos, o que faz com que a visão similar conduza suas crenças e às tornem extremas. É por isso que o cenário de polarização e a constituição de grupos *like-minded* tornam-se propícios à radicalização nas manifestações.

As pesquisas desenvolvidas por Amossy (2011), Cervi (2013) e Massuchin, Carvalho e Mitozo (2016) dão alguns indícios que demonstram um processo de radicalização nas conversações *online*, que caminham no sentido *oposto* dos achados dos trabalhos anteriormente mencionados. De modo mais enfático e tratando prioritariamente do processo de radicalização, Massuchin, Carvalho e Mitozo (2016) levantam a discussão sobre a radicalização no debate político-eleitoral, evidenciando um percentual maior que o dobro para comentários que evidenciam insultos do que para aqueles que pretendem progredir no debate. Além disso, a radicalização está relacionada às críticas, as quais ao invés de serem construtivas apelam para a violência verbal, usando o termo de Cunha (2013). No caso estudado, esses insultos estão relacionados, majoritariamente, à candidata Dilma Rousseff e não aos demais candidatos. Aqui novamente tem-se um indício de que pessoas públicas são “atacadas” no processo de debate, ainda que possam não fazer parte dele.

No caso das páginas do Facebook incluídas no presente estudo, todas são institucionais e são de representantes ou entidades públicas. Neste caso, algumas características se alteram em relação aos trabalhos citados acima, que tinham outro cenário de fundo do debate. Quando se trata dos seguidores de contas institucionais no Facebook, principalmente de representantes políticos, há um alto grau de homofilia (Boutyline e Willer, 2015) e, subsequente, alta homogeneidade e baixa tolerância, já que não há quase motivos que exigem o hábito da tolerância. Isso faz com que seja um contexto propício para

exemplificar outro tipo de radicalização, agora definido entre representantes e representados e não mais entre os comentaristas.

Boutyline e Willer (2015) destacam, seguindo a proposição de Sunstein (2003), que a internet enfatiza um processo de homogeneidade social. Isso significa que na rede são criados grupos com certas afinidades – podendo ser políticas ou ideológicas, por exemplo – e que as pessoas tendem a se agrupar partir delas, gerando muita homogeneidade. Segundo Sunstein (2003), a internet cria redes muito fechadas e segmentadas, sendo que as pessoas só se manifestam sobre temas que querem, ou seja, há uma atenção seletiva a determinados assuntos. Além do próprio interesse das pessoas nessa seleção, há dispositivos mecânicos, como os algoritmos das redes, que conduzem as pessoas a se aproximarem dos conteúdos específicos que lhe interessam, potencializando o caráter de atenção seletiva. (Santana Jr. e Lima, 2017). Logo, ao manter proximidade com pessoas e questões com os quais possui afinidade, evidencia-se pouca heterogeneidade e maior homofilia.

A homogeneidade nas conversações está intimamente relacionada ao que Boutyline e Willer (2015) vão chamar de homofilia, que tem a ver com os laços fortes entre os indivíduos pertencentes a determinado grupo. Segundo os autores, grupos ideológicos fortemente organizados tem alto grau de homofilia e os membros possuem relações fortes (Boutyline e Willer, 2015). Por outro lado, a relação com outros grupos ideológicos é fraca e há pouca diversidade nas interações. Por vez, com a associação entre homofilia e homogeneidade, tem-se baixo grau de tolerância, porque os indivíduos não estão acostumados a relacionarem-se com o “diferente”, principalmente em termos políticos-ideológicos. A junção desses fatores acaba gerando um ambiente bastante polarizado, propício para casos de radicalização do debate. Essa polarização é marcada por questões ideológicas quando se trata da discussão sobre política.

Outro fator citado por alguns autores, tais como Ruiz et al. (2010) e Amossy (2011), e que seria uma variável explicativa importante para a evidência da radicalização na internet é o anonimato. Amossy (2011) chama a atenção para a volatilidade ou ocultação de identidade nas redes sociais e na internet como um todo, como um dos motivos facilitadores desse processo de radicalização, pois não há nenhum tipo de ligação entre as pessoas, seja institucional, profissional ou

amigável. A ausência de constrangimento, portanto, leva à violência verbal. (Amossy, 2011).

Assim, a partir desse contexto, a radicalização tende a estar atrelada a assuntos e temas polêmicos (Amossy, 2011), tal como a morte de Fidel Castro, a ser discutida neste artigo. Não se trata de um fenômeno típico da internet – ainda que tenha se destacado neste ambiente –, mas é uma derivação do processo argumentativo quando há discussões polêmicas. Para Amossy (2011), quando há uma ruptura no processo de conversação, aquilo que era só uma polêmica – considerada uma modalidade da argumentação, gerada por pontos de vista diferenciados – se transforma em *flames*. No caso da relação entre representantes e representados, também há radicalização quando ocorre este processo de ruptura entre ambas as partes. Amossy (2011) defende que um tema polêmico tem mais chances de ser acompanhado por violência verbal, especialmente por conta das “paixões políticas”. Em grande medida, as conversações se dividem no que a autora chama de diálogo racional e querela pessoal.

A radicalização acaba evidenciada pela conexão dos atores sociais por vezes afastados (Lattman-Weltman, 2014) e que se agrupam na internet. O mesmo se dá quando a internet acaba sendo utilizada como ferramenta para aproximar representantes e representados. Aqui, num viés diferente de Sunstein (2003), a internet acaba agregando quem estava distante – em termos ideológicos, sociais, educacionais – colocando-os em um mesmo espaço: o Facebook, o website, etc.

O fenômeno da radicalização, especialmente no caso brasileiro, não ocorre apenas nos espaços citados, tais como Facebook de meios de comunicação e páginas de candidatos. Este é apenas mais um espaço em que o fenômeno transparece, já que Santos (2014) indica alto grau de radicalização entre atores subjacentes às campanhas. Portanto, não é apenas o debate e o processo de interação que ganhou ares mais radicais. Isso condiz e vai ao encontro das proposições tanto de Lattman-Weltman (2014) e Brugnago e Chaia (2015) sobre o contexto cada vez mais acirrado e polarizado nos últimos anos, reflexo de ações e da atuação dos próprios partidos e instituições políticas no mundo *offline*.

Dessa forma, percebe-se que os comportamentos de radicalização nos debates políticos que acontecem nas redes digitais entre iguais já estão fartamente documentados pela literatura. (Ruiz et al., 2010;

Amossy, 2011; Cunha, 2013; Massuchin, Carvalho e Mitozo, 2016; Carvalho, 2016). Considera-se aqui como “iguais” quando a radicalização ocorre entre comentaristas ou seguidores que participam da conversação *online*. O que tem sido menos discutido na literatura e que é o foco deste trabalho é o tipo de relação – que pode se transformar em fortemente radicalizada – entre representantes e representados políticos em determinados contextos. Como se trabalha mais na perspectiva da relação entre os comentaristas, há menos discussão que mostram esta outra face da radicalização.

Vale mencionar que os trabalhos de Amossy (2011), Ruiz *et al.* (2010) e Massuchin, Carvalho e Mitozo (2016) já levantavam, em alguma medida, que instituições políticas e pessoas públicas também são atacadas no debate, o que acaba abrindo outro viés de pesquisa, pensando agora nessa relação entre diferentes: os representantes e representados. Dessa forma, tentando entender esta outra lógica de relação, o trabalho traz dados empíricos de um caso específico para oferecer alguns *insights* de como isso ocorre.

4. Aspectos metodológicos

Tendo como objetivo identificar posições radicais de representados frente a manifestações formais de representantes, o objeto empírico desta análise é formado por publicações com manifestações públicas institucionais no Facebook, bem como seus respectivos comentários políticos, feitos por cidadãos que compõem o debate nesse espaço, conversando entre si, mas principalmente dirigindo-se aos representantes. A hipótese a ser testada é a de que a radicalização não reconhece limites institucionais, mas considera o debate político como ideológico-partidário até mesmo em manifestações formais de representantes do Estado, afastando representantes de representados.

Para isso, optamos pela análise de conteúdo, enquanto metodologia híbrida que explora técnicas quanti e qualitativas para gerar uma classificação objetiva das características textuais dos *posts* e dos comentários. A análise de conteúdo permite, a partir da identificação e interpretação de atributos dos textos, produzir inferências sobre o contexto social. (Bauer, 2002). Aqui, essa análise será feita por intermédio do Iramuteq, software que realiza análises estatísticas em corpus textual. Neste trabalho, o Iramuteq é utilizado para análise fatorial hierárquica dos textos, possibilitando a identificação de *clusters* de

palavras que se agrupam por proximidade por apresentarem tanto vocabulário semelhante entre si, quanto vocabulário diferente das demais classes de unidades de contexto elementares. (Camargo e Justo, 2013). Trata-se de uma análise léxica, que tem sido explorada como procedimento metodológico em diversas pesquisas em comunicação política que analisam textos publicados, como é o caso das manifestações no Facebook analisadas aqui.

Como recorte de manifestações dos representantes e lideranças políticas sobre a morte de Fidel Castro, foram consideradas as publicações das páginas oficiais no Facebook dos ex-presidentes brasileiros (Fernando Collor, Fernando Henrique Cardoso, Lula da Silva e Dilma Rousseff)⁴, do Ministério de Relações Exteriores – representando o atual governo – e de dois candidatos à Presidência da República na última eleição (Aécio Neves e Marina Silva)⁵. Por meio do aplicativo Netvizz, que coleta dados das páginas no Facebook (Rieder, 2013), foram obtidos 38,9 mil comentários feitos a esses sete *posts*. Considera-se no banco de dados os comentários feitos em até 24 horas após a publicação, sendo que a coleta se deu no dia 27 de novembro de 2016, um dia após o anúncio oficial da morte de Fidel Castro⁶.

Justifica-se a escolha deste caso por Fidel Castro ser um reconhecido símbolo da esquerda, por ter sido um importante líder do regime socialista em Cuba, governando o país por quase cinco décadas. Somando-se a isso a elevada polarização da sociedade brasileira, inclusive saliente no comportamento e manifestações nas redes sociais on-line, o conteúdo dos comentários nos *posts* institucionais dos representantes no Facebook pode ilustrar e apontar para o afastamento que pretendemos mostrar. Considerando os posicionamentos e espectros ideológicos dos representantes políticos considerados em nossa análise, podemos afirmar que os petistas Lula e Dilma são aqueles que mais se aproximam politicamente de Fidel.

⁴ O ex-presidente José Sarney não tem perfil ativo e oficial no Facebook.

⁵ Imagens dos posts estão anexadas ao final do artigo.

⁶ Fidel Castro morreu às 22h29 do dia 25 de novembro de 2016, horário de Cuba, 01h29 do dia 26 de novembro no Brasil

5. Análise empírica: o caso das manifestações sobre a morte de Fidel

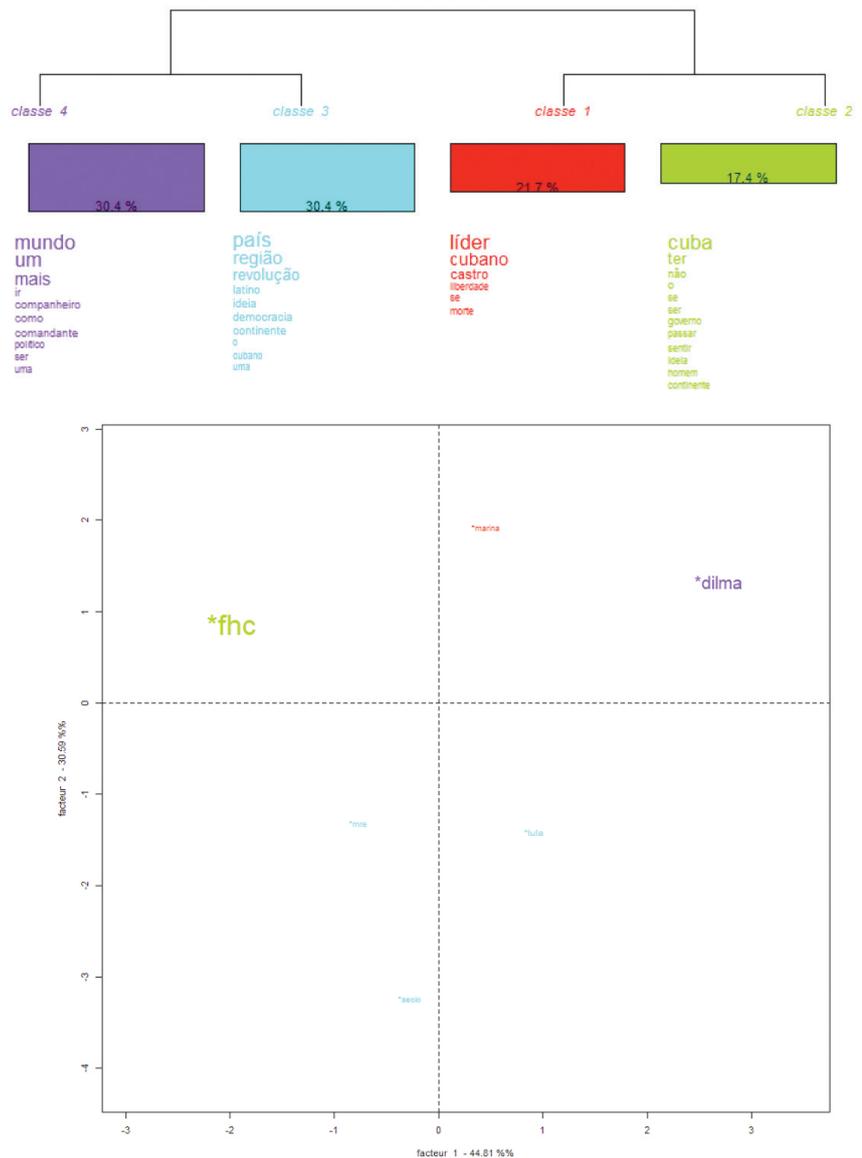
A análise está dividida em três partes. Na primeira, verificam-se as similaridades nos conteúdos dos textos das *postagens* publicadas nas sete páginas de Facebook. Como, na maioria dos casos, os textos são curtos, possuem o mesmo tema e tratam da mesma personalidade, não se espera grandes diferenças entre eles. Na segunda, analisam-se os conteúdos de todos os comentários realizados nas primeiras 24 horas após as *postagens* sobre a morte de Castro. Neste caso, para garantir que os resultados expressem mais as manifestações a respeito do tema ao invés da discussão paralela entre os comentadores, foram selecionados apenas os comentários que citam o termo “Fidel”. Após isso, os termos são ordenados a partir de uma análise fatorial hierárquica, que produziu *clusters* por proximidade. A partir disso, foi selecionado o *cluster* que representa a radicalização do debate, contendo os termos mais depreciativos e negativos a Fidel Castro. Por fim, na terceira parte, identifica-se em que páginas esses termos mais apareceram e analisa-se como são recebidos esses comentários mais radicais no debate, a partir das diferenças no número de curtidas de comentários com ou sem esses termos entre os comentadores.

5.1 Os conteúdos das publicações institucionais

Os conteúdos das *postagens* das sete páginas se distribuíram em quatro *clusters*, que foram reagrupados em dois conjuntos (Gráfico 1). Não há, nos textos dos *posts*, conteúdo depreciativo à figura de Castro. O primeiro conjunto, formado pelas classes 1 e 2, destaca a presença dos termos “líder cubano” e “Cuba”, remetendo a uma apresentação do tema a partir do próprio país. As cores indicam que fazem parte desse grupo os conteúdos dos *posts* da página de Marina Silva (classe 1) e da página de Fernando Henrique Cardoso (classe 2). No outro subgrupo, classes 3 e 4, estão destacados os termos “mundo”, “País”, “região” e “revolução”. A classe 4 é formada pelo conteúdo da página de Dilma Rousseff. A classe 3 é formada pelas outras três páginas (Lula, Aécio Neves e Ministério das Relações Exteriores)⁷.

⁷ O texto da página de Fernando Collor de Mello é encontrada no anexo 1.

Gráfico 1. *Clusters* formados por análise hierárquica dos conteúdos das *postagens*.



Fonte. Autores, 2018.

A técnica de formação de *clusters* hierárquicos indica algumas relações inesperadas entre as *postagens*. A principal delas é que os *posts* de Lula, Aécio Neves e MRE (texto de referência por ser um órgão oficial) ficam na mesma classe, ou seja, compartilham mais termos em comum. Próximo a eles está o *post* de Dilma Rouseff. Já FHC e Marina Silva apresentam mais diferenças do que similaridades

nos seus textos em relação a todos os demais. Por isso cada um deles está em uma classe específica.

De maneira complementar, os termos em destaque mostram certa “neutralidade” das *postagens* em relação às questões políticas e ideológicas propriamente ditas. Como pode ser verificado no conteúdo completo das *postagens* (em anexo), os textos são institucionais e formais, sem estabelecer na maioria das vezes juízo de valor a respeito do regime político, da ideologia ou das consequências da presença de Fidel Castro para Cuba ou para o Brasil. São conteúdos publicados por ex-presidentes ou líderes políticos brasileiros a respeito da morte de um ex-presidente de outro País da região latino-americana, portanto quem publica se comporta como um representante de Estado.

Aqui, embora haja algumas diferenças como foi notado pela análise, não houve nenhum tipo de ataque ou radicalização em relação a Fidel Castro. No entanto, ainda não se sabe como foram as reações a estas mensagens, por parte dos comentadores e seguidores destas páginas. Para isso, analisam-se, na sequência, os conteúdos dos comentários publicados nas primeiras 24 horas após as veiculações das *postagens* nas páginas pessoais dos políticos brasileiros incluídos aqui.

5.2 Os conteúdos dos comentários: afastamento entre representantes e representados

Ao todo, foram publicados 38,9 mil comentários nas sete *postagens* analisadas aqui. A tabela 1, a seguir, sumariza as informações gerais sobre os comentários. Do total de comentários, o *post* de Aécio Neves recebeu a maior parte (17,3 mil), representando 44,56% do total, ou seja, quase metade de todos os comentários analisados. Já no que diz respeito aos comentários que citam “Fidel”, do total de 5,1 mil, 34,25% foram na página de Aécio e 26,13% de Lula, totalizando quase dois terços das citações nessas duas páginas.

Tabela 1. Frequência do total de comentários e que citam Fidel Castro por página.

Página	Tot. Coment	% Tot. Coment	Tot. Fidel	% Tot. Fidel	% Fidel/pág.
Aécio	17.377	44,56	1.763	34,25	10,15
Lula	10.906	27,97	1.345	26,13	12,33
FHC	4.481	11,49	752	14,61	16,78
Dilma	4.459	11,44	1.015	19,72	22,76
Marina	1.118	2,87	170	3,30	15,21
MRE	617	1,58	93	1,81	15,07
Collor	36	0,09	10	0,19	27,78
TOTAL	38.994	100,00	5.148	100,00	

Fonte. Autores, 2018.

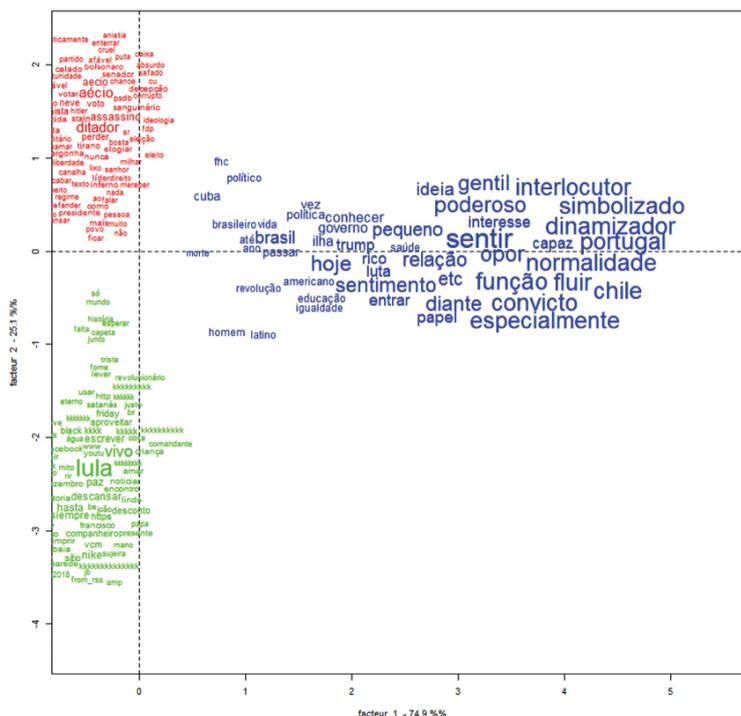
No entanto, a última coluna da direita da tabela 1 indica os percentuais de comentários que citam Fidel em relação ao total de comentários em cada página e, com isso, percebe-se que, proporcionalmente, as páginas com menor número de comentários apresentam maior percentual de presença de Fidel. São os casos de Collor e Dilma. Essa diferença na proporção de citações de Fidel em relação ao total de comentários pode ser explicada pelo crescimento do debate entre comentadores quando há grande volume de interações nas redes digitais.

Isso indica que quando há muitas pessoas comentando, caracterizando um debate omnílogo, fica mais fácil o conteúdo dos comentários extrapolar o tema original e se transformar em um grande conjunto de muitas “conversas paralelas” que deixam de se relacionar com o tema original do *post* (Cervi, 2013). Dessa forma, ter grande quantidade de pessoas discutindo ou grande quantidade de interação não significa – necessariamente – que haja uma conversação que esteja progredindo e dialogando com o conteúdo da *postagem*.

Fazendo a análise temática de *clusters*, quando são considerados todos os comentários em conjunto, apenas dois *clusters* são produzidos. Um com comentários na página de Aécio, com termos mais próximos de xingamentos, comportamento típico da radicalização (Amossy, 2011), e outro com as demais páginas com um conteúdo menos radical. No entanto, não há uma formação de *clusters* consistente na análise fatorial, pois a dispersão de termos dificulta a formação de hierarquias. Dada essa limitação, optamos por trabalhar

apenas com os comentários que citam o termo “Fidel” e representam uma aproximação maior com o tema das *postagens*, que era a morte do ex-presidente cubano. Com isso, o número de comentários analisados cai para 5,1 mil e a distribuição dos *clusters* para eles é a que segue (Gráfico 2).

Gráfico 2. *Clusters* formados por análise hierárquica dos comentários.



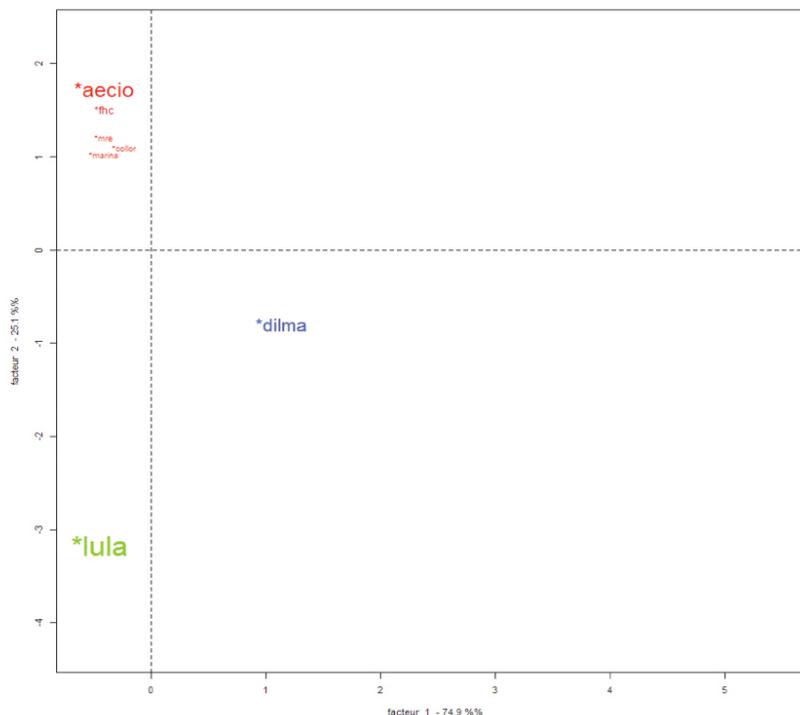
Fonte. Autores, 2018.

Os 5,1 mil comentários são agrupados em três classes na análise de *clusters*. Dessas, a classe 3 é a que apresenta conteúdo mais distante das demais. Nela, aparecem os termos mais positivos do ponto de vista político (sentir, normalidade, dinamizador, simbolizado, etc.). A classe 2 é a que apresenta os termos mais neutros, sendo a maior presença o termo “Lula” (vivo, paz, descansar, companheiro, etc.). A classe 1 é a que apresenta os termos mais depreciativos, junto com “Aécio” (assassino, comunista, sanguinário, genocida, etc.).

O gráfico 3, a seguir, permite avançar nas análises por identificar como as páginas se distribuem entre as classes no que diz respeito aos conteúdos dos comentários publicados nelas. A classe 1 reúne cinco das sete páginas (Aécio Neves, Fernando Henrique Cardoso,

Ministério das Relações Exteriores, Collor e Marina Silva). A classe 2 reúne os termos presentes nos comentários feitos na página de Lula e a classe 3 os comentários à página de Dilma Rousseff.

Gráfico 3. Perfis por classe e χ^2 da presença de termos.



Termo	Classe 1	Classe 2	Classe 3
Ditador	399,687	-253,898	-76,076
Assassino	230,664	-151,57	-39,306
Comunista	107,472	-67,818	-20,887
Sanguinário	92,513	-61,528	-15,125
Genocida	80,003	-48,528	-17,499
Tirano	62,417	-35,629	-16,102
Lixo	43,257	-20,254	-17,219
Corrupto	37,386	-28,152	-3,690
Canalha	25,457	-16,132	-4,883
Vagabundo	22,764	-13,902	-4,883
Cruel	22,566	-14,950	-3,739
Safado	22,264	-15,216	-3,301

Fonte. Autores, 2018.

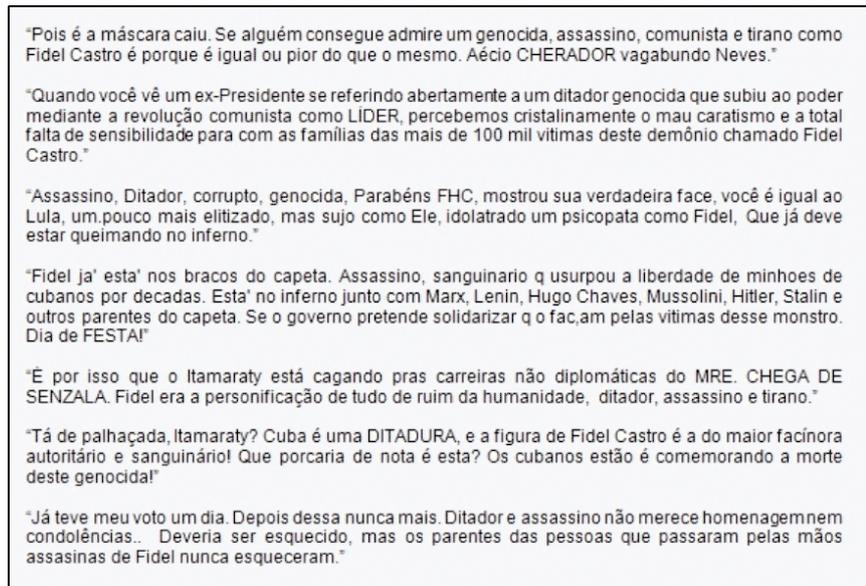
É importante destacar que a radicalização nos comentários por meio de termos depreciativos está mais presente nas páginas de quem está mais distante ideologicamente de Fidel Castro, reunidos na classe 1. Isto evidencia que as diferenças ideológicas são relevantes para pensar este fenômeno, tal como colocou Amossy (2013), quando a autora relata as paixões políticas como causadoras da violência verbal e da transformação das polêmicas e radicalização. Quando os representados se deparam com um posicionamento que se afasta daquilo que pensam, entram em desacordo.

Em segundo lugar, a diferença nas distribuições de *clusters* de termos das postagens e de termos dos comentários mostra um deslocamento entre manifestações dos líderes políticos e dos comentaristas de suas páginas. Além disso, as diferenças não são apenas formais. Enquanto todas as postagens apresentaram termos neutros e formais, em cinco das sete páginas, todas aquelas reunidas no *cluster* 1, há predomínio de termos depreciativos em comentários aos *posts* (Gráfico 3).

De modo complementar à análise, foram selecionados 12 termos depreciativos⁸ presentes na totalidade de comentários às *postagens* selecionadas aqui, que citaram o termo “Fidel” e que podem ser classificados como radicais ao debate, tal como também expõe Carvalho (2016). Em todos os casos, os indicadores de χ^2 (qui-quadrado) mostram presença estatisticamente significativa na classe 1 (valores positivos) e ausência estatisticamente significativa nas outras duas classes (valores negativos). Em outras palavras, os termos listados (Gráfico 3) tendem a aparecer em comentários feitos às *postagens* das cinco páginas que estão agrupadas na classe 1, e serem ausentes em comentários nas páginas de Dilma e Lula. A seguir (Figura 1), são *expostos* exemplos de comentários que utilizaram tais termos nas cinco páginas indicadas.

⁸ Existem dezenas de outros termos depreciativos, mas que ocorrem em mais de uma classe. Opta-se pela análise das ocorrências quase que exclusivas em uma única classe.

Figura 1 – Exemplos de comentários que citam Fidel e termos depreciativos.

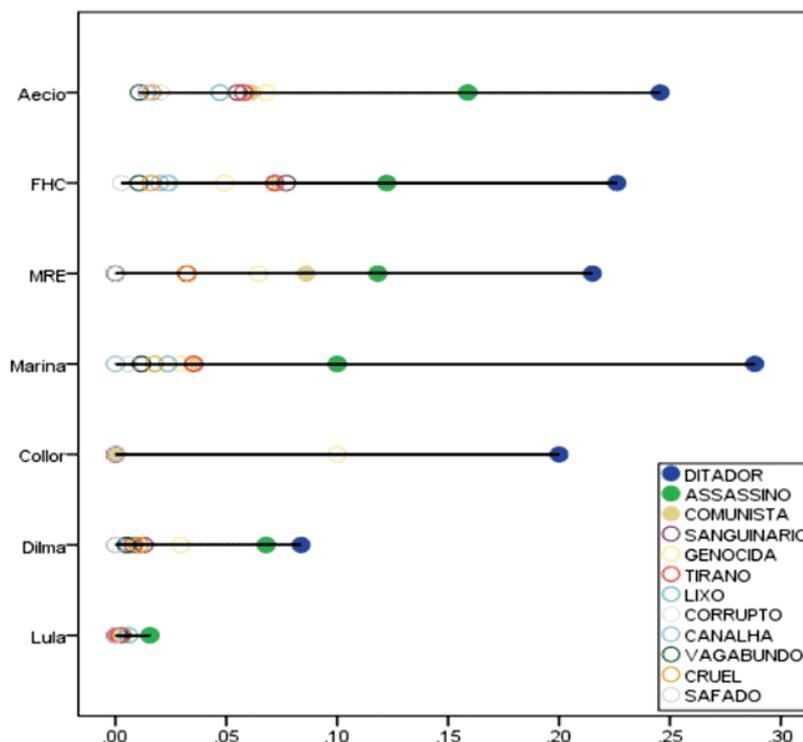


Fonte. Autores, 2018, a partir de Facebook, 2016.

A presença dos termos depreciativos na classe 1, que reúne comentários publicados nas páginas de Aécio, FHC, Collor, Marina e MRE mostra uma dissociação entre o conteúdo das *postagens* e o conteúdo dos comentários, caracterizando o afastamento entre políticos e cidadãos que seguem a página, que na sua maioria seguem por concordarem ou se identificarem com os representantes. O afastamento indica que os comentaristas se distanciaram dos textos publicados a respeito da morte de Castro, inclusive na página oficial do Ministério das Relações Exteriores. Tais manifestações podem ser consequência da impressão de que a bolha ideológica que os preservava entre os iguais se rompe ao não reconhecer o posicionamento institucional do representante. Ocorrendo, então, a radicalização do comentarista diante do conteúdo institucional.

Também se apresentam os resultados por termo negativo, uma vez que até aqui as descrições consideraram o conjunto de termos por página. O gráfico 4, a seguir, mostra a frequência relativa de cada termo depreciativo nos comentários que citaram "Fidel" por página. A frequência relativa vai de zero até o valor um teórico. Quanto mais próximo do 1, maior a frequência do termo no debate nos comentários que citam Fidel naquela página. Foram destacados os três termos com maior frequência relativa.

Gráfico 4 – Presença relativa dos termos negativos por página.



Fonte – Autores, 2018

Como se pode perceber, o termo negativo mais presente em quase todas as páginas foi “ditador”, com destaque para os comentários no *post* de Marina, com frequência relativa de quase 0,30, indicando que quase um a cada três comentários contém a palavra “ditador”. Apenas nos comentários em Lula é que o termo “ditador” não aparece. Em seguida, vem o termo “assassino”, com frequência relativa acima de 0,10 para Aécio, FHC, MRE e Marina. Ou seja, de cada dez comentários feitos nos *posts* dessas páginas, pelo menos um continha “assassino”. Depois vem o termo “comunista”, já próximo da frequência relativa dos demais. Esses dados evidenciam o quanto os comentários radicalizavam o debate, com opiniões que expressavam violência verbal e representavam posicionamentos distintos dos representados aos representados.

5.3 A relação dos representados com os comentários produzidos

A partir daqui, são analisados os números médios de curtidas feitas aos comentários com e sem os termos depreciativos em cada um dos posts. Usamos o número de curtidas nos comentários como uma proxy para aprovação do conteúdo publicado pelos demais seguidores da página. A tabela 2 resume as principais diferenças entre os números de comentários e médias de curtidas para os comentários sem termo negativo ou com qualquer um dos 12 termos negativos apresentados anteriormente. A coluna “dif. Méd.” indica a diferença das médias de curtidas em comentários com termos negativos e sem os termos por página. Diferenças positivas indicam que comentários com termos negativos são bem recebidos no conjunto das manifestações e têm, em média, mais curtidas do que aqueles sem termos negativos.

A maior diferença fica entre os comentadores do post de Collor, com 10,86 curtidas em média a mais para comentários com termos negativos. Ficam ainda no grupo de mais curtidas onde há termos negativos comentários ao post do MRE, da Marina e de FHC. Dilma, Aécio e Lula apresentam diferenças negativas, ou seja, no debate em suas publicações, há mais curtidas em comentários sem termos negativos. A maior diferença está na página de Lula, com -5,49 comentários de média em posts com termos negativos do que sem eles.

Tabela 2. Diferença de média de curtidas por comentário com e sem termo negativo

Página	Termos negativos nos comentários				Dif. Méd. Curt. (b - a)
	SEM		COM		
	Tot. coment.	Méd. curt. (a)	Tot. coment.	Méd. curt. (b)	
Collor	7 (70,0)	1,14	3 (30,0)	12,00	10,86
MRE	62 (66,6)	6,77	31 (33,4)	8,65	1,87
Marina	99 (58,2)	0,95	71 (41,8)	2,04	1,09
FHC	420 (55,8)	4,40	332 (44,2)	4,74	0,34
Dilma	838 (82,7)	8,43	175 (17,3)	6,21	-2,21
Aécio	945 (53,6)	10,08	818 (46,4)	5,80	-4,28
Lula	1302 (96,9)	7,66	41 (3,1)	2,17	-5,49

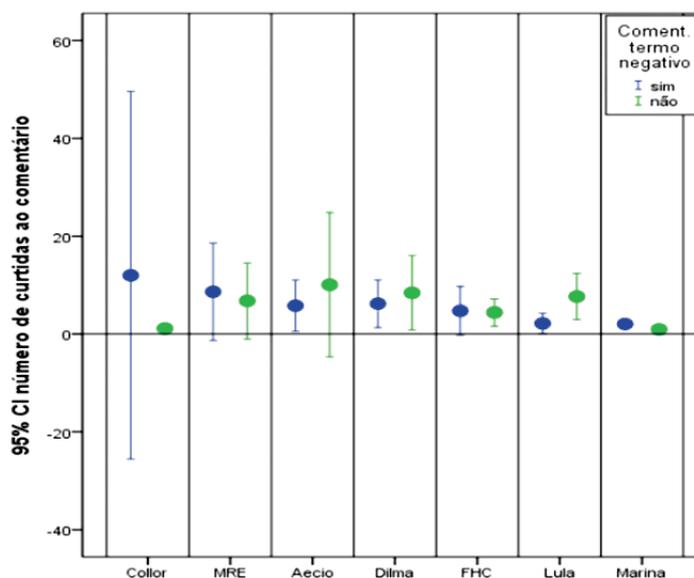
Fonte – Autores, 2018

O caso dos comentários na página de Aécio é curioso. Há um percentual alto de comentários com termos negativos. É o maior de todos,

ficando em 46,4% do total de comentários com a palavra “Fidel” e pelo menos um dos termos negativos analisados aqui. Porém, esses comentários têm em média cerca de metade das curtidas dos comentários com “Fidel” e sem um dos termos negativos elencados aqui. A aprovação da agressividade nos comentários parece não ser totalmente aceita por todos os seguidores, embora ocorra com muita frequência.

Os gráficos a seguir ilustram as diferenças entre curtidas a comentários com e sem termos negativos (Gráfico 5) e os totais de comentários e curtidas em textos com termos negativos (Gráfico 6) por página. No primeiro gráfico os círculos indicam as médias, as cores mostram se o comentário tem ou não algum termo negativo e as barras mostram as variações de números de curtidas com tipo de comentário para 95% de intervalo de confiança. Se a barra para por zero é sinal que a distribuição não segue uma curva normal, com viés para um dos lados. É o caso da página de Collor. A média de curtidas em comentários com termos negativos é alta porque um dos comentários recebeu um número de curtidas muito acima da média. Nas demais páginas as variações se aproximam de uma normal, com destaque para a variação de curtidas em comentários sem termos negativos na página de Aécio. A variação é bem maior, indicando também que alguns comentários incluídos nesse grupo receberam um volume maior de curtidas.

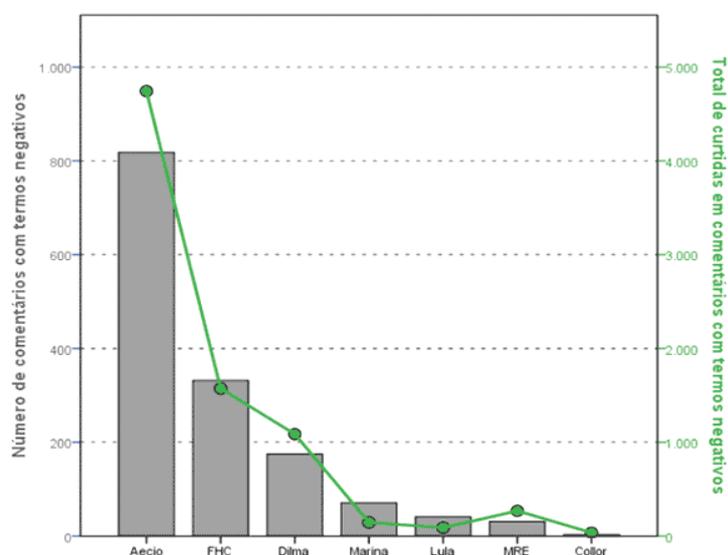
Gráfico 5 – Comparação entre curtidas a comentários com e sem termos negativos.



Fonte – Autores, 2018.

O gráfico 6, a seguir, apresenta apenas o total de comentários que citam Fidel e com termos negativos por página (informação das barras) e compara com o total de curtidas nesse grupo de comentários (informação da linha). De maneira geral há uma relação, já esperada, entre as colunas e os pontos da linha, pois se uma página tem mais comentários com termos negativos, há mais chances dela apresentar um total de curtidas a esses comentários. No entanto, o objetivo aqui é comparar as diferenças proporcionais entre o total de comentários e de curtidas. Como eles estão em grandezas distintas, apenas com a sobreposição das duas informações no mesmo gráfico é possível comparar as diferentes proporções entre elas. Se o ponto da linha fica acima do limite da coluna, representa que proporcionalmente aquela página teve mais curtidas por comentário com termos negativos. Se ficar abaixo, o contrário.

Gráfico 6 – Comparação entre comentários com termos negativos e curtidas a eles.



Fonte – Autores, 2018.

O gráfico está ordenado por número de comentários com termos negativos. As linhas ficam acima das colunas nas páginas de Aécio, Dilma, MRE e Collor. Ficam abaixo em FHC, Marina e Lula. Essa informação complementa a anterior, quando se comparam as curtidas em comentários com e sem termos negativos por página. Por exemplo, agora é possível perceber que na página de Aécio Neves, embora exista média maior de curtidas em comentários sem termos negativos, quando são comparados apenas os comentários com termos

negativos entre as páginas, percebe-se que a página de Aécio fica bem acima das demais. E isso não é consequência apenas do maior número de comentários na página, mas do comportamento dos participantes daquele debate.

6. Conclusão

A descrição das diferenças entre os conteúdos das *postagens* e dos comentários no caso descrito aqui mostra uma dissociação entre representantes e representados, em boa medida, causada pela incompreensão entre o papel do político como homem de Estado e do político como líder de uma parte (partido) da sociedade, o que confirma, portanto, a hipótese apresentada inicialmente. Os representados cobram de seus representantes a atuação exclusiva como líder de uma parte da sociedade, distanciando-se quando os últimos precisam atuar como representantes de Estado.

Na análise textual das publicações dos representantes políticos, os termos são próximos entre si. Já na análise textual dos comentários dos seguidores das páginas, as diferenças são significativas – principalmente quanto ao uso de termos pejorativos – e, além de caracterizarem este afastamento, indicam alto grau de radicalização e violência verbal (Cunha, 2013) em um tema altamente polêmico (Amossy, 2011).

A análise dos comentários especifica que a presença de termos negativos em comentários que citam “Fidel” se dá em quase todas as páginas, exceto nas de Dilma e de Lula, em que parece haver uma proximidade maior entre o que pensam representantes e representados sobre Fidel. Aqui, há manifestações omnílogas de aprovação ao conteúdo *postado*. Além disso, na maior parte delas, a média de curtidas em textos pejorativos é maior que nos comentários sem os termos, exceto em Lula, Aécio e Dilma. Ao se comparar apenas os textos com termos negativos, a página de Aécio apresenta o maior número de comentários e, também, o maior número proporcional de curtidas a esses comentários. Dos termos pejorativos que mais aparecem nos comentários, destacam-se “ditador” e “assassino”.

Vale destacar, também, a questão da cultura social que pode ser apreendida a partir dos conteúdos dos comentários. Ela pode ser identificada a partir da repercussão (na prática medida em número de curtidas) da presença de determinados termos, favoráveis ou desfavoráveis, à figura do ex-presidente cubano. O predomínio de

curtidas a comentários pejorativos no debate indica a presença de determinada cultura social que não só usa, mas também aceita e aprova o uso de termos depreciativos entre os participantes das discussões sobre a morte de Castro.

Destaca-se que este trabalho, apesar de se limitar a um caso específico, demonstra um fenômeno ainda pouco aprendido nos estudos sobre debates em redes sociais – que é relação de afastamento que pode surgir entre representantes e representados no ambiente *online* – evidenciando radicalismo nas conversações. Traz, ainda, alguns achados relevantes que possibilitam debates e encaminhamentos futuros para pesquisas sobre o tema. Mostra-se, por exemplo, que o “tamanho” do debate e a quantidade de participantes não é necessariamente positivo a um diálogo. Ou seja, por maior e mais omnílogo que seja um debate, nem sempre se progride ao diálogo, já que há afastamento do tema e exemplos claros de radicalização, inclusive entre representantes e representados.

O artigo ressalta, também, que a rede, nem sempre, vai caracterizar-se conforme os pressupostos habermasianos do debate – ainda que isto seja possível – pois, como colocam Amossy (2011), Brugnago e Chaia (2014) e Ruiz et al. (2010), o tipo de assunto em questão e o contexto são variáveis importantes para o desenvolvimento do diálogo, seja entre cidadãos comuns ou entre representantes e representados. Além do mais, a internet acaba reunindo num mesmo espaço pessoas de distintas ideologias e opiniões, diferente do que propunha Sunstein (2003), de que as “bolhas” sempre se mantêm. Por fim, ainda que este espaço – e as redes sociais, especialmente – sejam usados como um mecanismo de aproximação, o exemplo deste estudo ilustra que o inverso também pode acontecer.

Referências

- Amossy, R. (2011). O intercâmbio polémico em fóruns de discussão online: o exemplo dos debates sobre as opções de ações e bônus no jornal Libération. *Comunicação e Sociedade*, 19, pp. 319-335. DOI: [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.19\(2011\).914](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.19(2011).914)
- Archetti, Cristina. (2015). Terrorism, communication and new media: Explaining radicalization in the digital age. *Perspectives on Terrorism*, 9(1), pp. 49-59. En: <http://www.terrorismanalysts.com/pt/index.php/pot/issue/view/50>
- Barros, S., & Carreiro, R. (2015). A discussão pública e as redes sociais online: os comentários de notícias no Facebook. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, 17(2), pp. 175-185. En: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.172.05>
- Braga, S., Rocha, L. e Vieira, F. (2015). “‘Americanização’ da representação política virtual? Um estudo comparado das estratégias de comunicação digital por parlamentares de diferentes sistemas políticos”. Anais do 39º Encontro Nacional da Anpocs, Brasil, Caxambu - MG.
- Bauer, M. (2013). Análise de Conteúdo clássica: uma revisão. In: Bauer, M., e Gaskell, G. (Orgs). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 11ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Barros, A. (2016). Como os partidos políticos brasileiros usam a Internet para atrair o eleitorado jovem. *Debates*, Porto Alegre, 10(2), pp. 9-30. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-5269.51510>.
- Blanchard, G. (2006). O uso da internet a serviço da comunicação do partido. *Revista Líbero*, 18, 9-17. En: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/700>.
- Boutyline, A., e Willer, R. (2015). The social structure of politics Echo Chambers: variation in ideological homophily in online networks. *Political Psychology*, 17, pp. 18-62. DOI: <https://doi.org/10.1111/pops.12337>.
- Bragatto, R., Sampaio, R., e Nicolás, A. (2015). Inovadora e democrática. Mas e daí? Uma análise da primeira fase da consulta online sobre Marco Civil da Internet. *Política e Sociedade*, 14(29), pp. 125-150. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7984.2015v14n29p125>.
- Brugnago, F., e Chaia, V. (2015). A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, 7(21), pp. 99-129. En: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/22032>.
- Camargo, B., e Justo, A. (2013). IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), pp. 513-518. DOI: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>.

- Carvalho, F. C. e Mitozo, I. (2016). New Environments, Same Jobs: The Role of Professional Journalism Stimulating Debate on Elections Across Social Media Networks. *Brazilian Journalism Research*, 12(3), pp. 74-97. DOI: <https://doi.org/10.25200/BJR.v12n3.2016.915>
- Carvalho, C. (2016). Banalidade do mal em comentários de leitores na internet e a disseminação da intolerância. *E-Compós*, 19(2), pp. 1-18. DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.v19i2.1246>.
- Carreiro, R. (2017). A Discussão Política Em Rede: Um Estudo Sobre a Divergência Política no Facebook. 246f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Cunha, D. (2013). Violência verbal nos comentários de leitores publicados em sites de notícia. *Calidoscopio*, 11(3), pp. 241-249. En: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2013.113.02>.
- Dahlgren, P. (2005). Internet, public spheres and political communication: Dispersion and deliberation. *Political Communication*, 22(2), pp. 147-162. DOI: <https://doi.org/10.1080/10584600590933160>.
- Habermas, J. (1997). *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. Vol. II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Kalsnes, B., Olof, A., e Enli, G. (2017). The social media logic of political interaction. *First Monday*, 22(2). En: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/6348/5916>.
- Lattman-Weltman, F. (2014). Mídia e democracia: indeterminação e representatividade da representação. *Revista Compolítica*, 2(4), pp. 28-57. DOI: <https://doi.org/10.21878/compolitica.2014.4.2.67>.
- Lattman-Weltman, F. (2015). "Democracia e revolução tecnológica em tempos de cólera: influência política midiática e radicalização militante". Anais do VI Congresso da Compolítica, Brasil, Rio de Janeiro - RJ.
- Maia, R., Rossini, P., Oliveira, V., e Oliveira, A. (2015). Sobre a importância de examinar diferentes ambientes online em estudos de deliberação. *Opinião Pública*, 21(2), 490-513. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-01912015212490>.
- Maia, R., & Rezende, T. (2015). Democracia e a ecologia complexa das redes sociais online: um estudo sobre discussões acerca do racismo e da homofobia. *Intexto*, (34). 492-512. DOI: <https://doi.org/10.19132/1807-8583201534.492-512>.
- Massuchin, M., Carvalho, F., e Mitozo, I. Eleições, radicalização e redes sociais: os comentários no Facebook durante a disputa presidencial em 2014. *Anais do 40º Encontro da Anpocs*. Brasil, Caxambu - MG, 2016.
- Rawls, J. (1999). *Liberalismo político*. São Paulo: Ática.

- Rawls, J. (1995). Reply to Habermas. *The Journal of Philosophy*, 92 (3), pp. 132-180.
- Ruiz, C., Masip, P., Mico, J., Díaz Noci, J., e Domingo, D. (2010). Conversación 2.0 y democracia. Analisis de los comentarios de los lectores en La prensa digital catalana. *Comunicación y Sociedad*, 23(2), pp. 7-39. En: https://www.unav.es/fcom/communication-society/es/articulo.php?art_id=360
- Santos, M. (2014). Cartografia das redes da revolta: fluxos políticos de oposição radical no Facebook. *Contemporânea*, ed. 24, 12(2), pp. 106-120. DOI: <https://doi.org/10.12957/contemporanea.2014.12803>.
- Santana Jr., C., e Lima, C. (2017). The Role of Social Machines in Opinion Formation on Web. *Liinc em Revista*, 13(2), pp. 307-322. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v13i2.3940>.
- Scroll, C. (1999). The place of 'conversation' in the omnilogue of Democracy: A reply to Schudson. *Journal Critical Studies in Mass Communication*, 16. DOI: <https://doi.org/10.1080/15295039909367076>.
- Schäfer, M. (2016). "Digital Public Sphere". In: Mazzoleni, G. et al. *The International Encyclopedia of Political Communication*, First Edition.
- Stanley, J., e Weare, C. (2004). The effects of internet use and political participation: evidence from an agency online discussion forum. *Administration & Society*, 36(5), pp. 503-527. DOI: <https://doi.org/10.1177/0095399704268503>.
- Strandberg, K., e Berg, J. (2013). Online newspapers readers comments – Democratic Conversation Plataforms or virtual Soaboxes. *Comunicação e Sociedade*, 23, pp. 110-131. DOI: [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.23\(2013\).1618](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.23(2013).1618).
- Sunstein, C. (2003). *Republica.com: internet, democracia y libertad*. Barcelona: Paidós.
- Sunstein, C. (2018). *# Republic: Divided democracy in the age of social media*. Princeton University Press.
- Vethencourt, F. (2013). Contribución a la disputa entre Habermas y Rawls sobre el liberalismo político. *Episteme NS*, 33(2), pp. 65-88.

Anexo 1 - Posts no Facebook cujos textos e comentários foram analisados

<p>Aécio Neves 25 de novembro de 2016 · 48</p> <p>O presidente Fidel Castro foi sem dúvida um dos grandes líderes do nosso tempo. Tive oportunidade de estar algumas vezes com ele quando do restabelecimento das relações diplomáticas do Brasil com a ilha de Cuba. Ativei no trato e eloquente com qualquer interlocutor, deixa o legado do sonho por uma sociedade igualitária, mas na prática não permitiu avanços na direção das liberdades e da democracia e, infelizmente, deixa um país e um povo ainda extremamente pobres e dependentes. - Aécio Neves</p> 	<p>Fernando Collor 25 de novembro de 2016 · 48</p> <p>Em 1990 o presidente Collor recebeu o líder cubano em Brasília. Ele veio prestigiar a posse do primeiro presidente da República eleito pelo voto popular, após a ditadura militar instaurada em 1964. Fidel Castro faleceu em Havana na noite dessa sexta-feira, aos 90 anos.</p> 	<p>Mirina Silva 25 de novembro de 2016 · 48</p> <p>A Rede Sustentabilidade compreende a história como um processo permanente de luta e aprendizado. Consideramos que a democracia é um valor universal, uma essência das lutas de nosso tempo e nenhuma ditadura, seja do proletariado, seja do patronato, responde aos anseios da humanidade e ajudem na construção de alternativas sustentáveis a crise civilizatória pela qual passa o mundo. Nesse momento de perda para o povo cubano, manifestamos pesar pela morte do presidente Fidel Castro. Realizamos também nossa esperança de que as conquistas sociais de Cuba não sejam desfeitas, que corra o dia e o embargo econômico sem perder sua autodeterminação e que os cubanos consigam dar o passo seguinte na luta pelas liberdades democráticas. Leia a nota da RESC - http://bit.ly/2jz5Z1E</p> 
<p>Ministério das Relações Exteriores 25 de novembro de 2016 · 48</p> <p>O governo brasileiro tomou conhecimento com pesar da morte do líder cubano Fidel Castro.</p> <p>Como dirigente máximo de seu país por cinco décadas, marcou profundamente a política cubana e o cenário internacional. Entra para a história como uma das lideranças políticas mais emblemáticas do século XX. Não é possível entender a história de nosso continente sem referência a Fidel, suas ideias e ações à frente da revolução cubana e do governo do seu país.</p> <p>Sua trajetória resume os dolorosos conflitos e contradições de um período histórico conturbado, no qual ideias de desenvolvimento e justiça social nem sempre se conciliaram, em nossa região, com o respeito aos direitos humanos e à democracia.</p> <p>O governo solidariza-se com o povo cubano e apresenta à seu governo e à família de Fidel Castro suas sentidas condolências.</p> <p>José Serra, Ministro das Relações Exteriores Leia a nota no Portal do Itamaraty: https://goo.gl/5UJ4WV</p>  <p>NOTA OFICIAL</p> <p>Ministério das Relações Exteriores</p>	<p>Lula 25 de novembro de 2016 · 48</p> <p>DESCANSE EM PAZ, COMPANHEIRO FIDEL</p> <p>Morreu ontem o maior de todos os latino-americanos, o comandante em chefe da revolução cubana, meu amigo e companheiro Fidel Castro Ruz.</p> <p>Para os povos de nosso continente e os trabalhadores dos países mais pobres, especialmente para os homens e mulheres de minha geração, Fidel foi sempre uma voz de luta e esperança.</p> <p>Seu espírito combativo e soldado animou sonhos de liberdade, soberania e igualdade. Nos bons momentos, quando ditaduras dominavam as principais nações de nossa região, a bravura de Fidel Castro e o exemplo da revolução cubana inspiraram os que resistiam à tirania.</p> <p>Eu o conheci pessoalmente em julho de 1960, em Marília, durante as comemorações do primeiro aniversário da revolução sandinista.</p> <p>Mantivemos, desde então, um relacionamento afetuoso e intenso, baseado na busca de caminhos para a emancipação de nossos povos.</p> <p>Será sua morte como a perda de um irmão mais velho, de um companheiro insubstituível, do qual jamais me separei.</p> <p>Será eterno seu legado de dignidade e compromisso por um mundo mais justo.</p> <p>Resta sempre, comandante, amigo e companheiro Fidel Castro.</p> <p>Luz Inácio Lula da Silva São Paulo, 25 de novembro de 2016 Foto: Ricardo Stuckert</p> 	<p>Dina Rouseff estava se sentindo pensativa 25 de novembro de 2016 · 48</p> <p>Sorbedores e militantes progressistas, todos que lutamos por justiça social e por um mundo menos desigual, acordamos tristes nesta sábado, 26 de novembro. A morte do comandante Fidel Castro, líder da revolução cubana e uma das mais influentes expressões políticas do século 20, é motivo de luta e dor.</p> <p>Fidel foi um dos mais importantes políticos contemporâneos e um visionário que acreditou na construção de uma sociedade fraterna e justa, sem fome nem exploração, numa América Latina unida e forte.</p> <p>Um homem que soube unir ação e pensamento, mobilizando forças populares contra a exploração de seu povo. Foi também um ícone para milhões de jovens em todo o mundo.</p> <p>Meus mais profundos sentimentos à família Castro, aos filhos e netos de Fidel, ao seu irmão Raúl e ao povo cubano. Minha solidariedade e carinho neste momento de dor e despedida.</p> <p>Resta sempre, Fidel!</p> <p>Fernando Henrique Cardoso 25 de novembro de 2016 · 48</p> <p>A morte de Fidel faz recordar, especialmente à minha geração, o papel que ele e a revolução cubana tiveram na diluição do sentimento latino-americano e na importância para os países da região de se sentirem capazes de afirmar seus interesses.</p> <p>A luta simbolizada por Fidel dos "pequenos" contra os poderosos teve uma função dinamizadora na vida política no Continente.</p> <p>O governo brasileiro se opôs a todas as medidas de isolamento econômico da ilha e, desde o governo Sarney, até hoje as relações econômicas e políticas entre o Brasil e Cuba foram com normalidade.</p> <p>Estive várias vezes com Fidel, no Brasil, no Chile, em Portugal, na Argentina, em Costa Rica e etc. O Fidel que eu conheci, dos anos noventa em diante, era um homem pessoalmente gentil, convicto de suas ideias, curioso e bom interlocutor.</p> <p>Os tempos são outros hoje. Do desprezo altaneiro aos Estados Unidos, Cuba passou, a sentir que com Obama poderia cumprir seu isolamento. As nuvens carregadas de Trump não serão presenciadas por Fidel. Sua morte, marca o fim de um ciclo, no qual, há que se saber que, se Cuba conseguiu ampliar a inclusão social, não teve o mesmo sucesso para assegurar a tolerância política e as liberdades democráticas.</p>

Fonte: Facebook (2016).